

Jesus na Judeia e Sua Última Semana de Ministério



Craig L. Blomberg, Ph.D.

*Experience: Distinguished Professor of New Testament Studies
at Denver Seminary in Littleton, Colorado*

I. Introdução

Nesta unidade, começamos a nos aproximar do clímax e do fim da vida de Jesus na Terra — a fase geográfica final de Seu ministério adulto é, habitualmente, denominada ministério na Judeia. Não sabemos quanto tempo Ele, de fato, ficou na estrada após sair da Galileia pela primeira vez, encaminhando-se àquela fatídica visita final a Jerusalém.

Já nos referimos a esse período de Seu ministério como o período de rejeição, o período em que ele viajou debaixo da sombra da cruz. Mas, em Marcos 10 (e seus paralelos em Mateus 19 e Lucas 18), em algum momento — talvez várias semanas antes da Páscoa que finalmente traria a sua morte — Jesus se encontra na Judeia, o território mais meridional de Israel, ensinando ao longo da estrada às multidões que se ajuntavam e respondendo a perguntas de diversos inquiridores.

II. Os dias finais do ministério de Jesus

A. A questão do divórcio

O primeiro episódio que os evangelhos sinóticos relacionam durante esta fase, em Marcos 10 e paralelos, é uma pergunta acerca do tema do divórcio, projetada como armadilha para Ele por alguns dos líderes judeus. Esse era um assunto ardentemente debatido entre as duas escolas farisaicas de Samai e Hilel, que interpretavam a legislação de Deuteronômio 24 de maneiras diferentes — a de Hilel, era bastante liberal quanto às situações em que o divórcio poderia ser permitido; e Samai, muito rigorosa.

Jesus parece alinhar-se com Samai, pois responde que somente em caso de adultério ou infidelidade conjugal o divórcio é permitido; mas, em um sentido, Ele é ainda mais rigoroso do que Samai, destacando que ele é meramente permitido, e não realmente

obrigatório, como aquele ramo da fariseísmo teria ensinado.

Mas o principal impulso dessa passagem inicial de Marcos 10 está nas palavras de Jesus que remetem às intenções iniciais de Deus para os casais, da criação em diante. Ele alude ao ensinamento de Gênesis 2, de que o homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Portanto, a fidelidade normal e esperada da ordenação do casamento deve ser vitalícia. Somente em circunstâncias excepcionais Deus aprova a separação.

Esse ensinamento corresponde ao ensinamento de Jesus na terceira antítese do Sermão da Montanha, em Mateus 5, e é completada em 1 Coríntios 7, quando Paulo admite uma segunda situação excepcional — especificamente, em caso de abandono do parceiro descrente. A pergunta que vem à mente de muitas pessoas hoje em dia é se existem, ou não, outras situações semelhantes em que Deus poderia aprovar o divórcio, talvez como o menor de dois males. E pode ser importante perceber o que as duas exceções do Novo Testamento têm em comum. Ambas rompem metade da aliança do casamento descrita em Gênesis. No primeiro caso, a fidelidade sexual, o tornar-se uma só carne, foi rompido; e no outro caso, a separação dos demais, a proximidade física e fidelidade ao cônjuge, acima de todos os demais seres humanos, foi rompida.

Talvez a melhor maneira de perguntar se existem outras circunstâncias excepcionais não previstas nas culturas do judaísmo ou de Corinto seja: Será que existem outras situações em que um casamento, já consumado, é rompido? Precisamos ser muito cuidadosos para não começar a fazer uma lista de tais situações e sugerir às pessoas que o divórcio seja sempre aceitável. Pode ser muito mais bíblico e inteligente simplesmente analisar cada caso de forma independente. Mas não ousamos perder de vista o principal impulso do ensinamento de Jesus aqui, que era tomar uma cultura que se tornara muito liberal em sua tolerância ao divórcio e fazê-la voltar a uma ética muito mais elevada e rigorosa, semelhantemente ao que vimos em Seu ensinamento no Sermão da Montanha.

B. Negação de si mesmo

O próximo encontro no ministério de Jesus na Judeia, ao dirigir-se a Jerusalém passando pela Judeia, é uma breve história em torno da negação e si mesmo, em que Ele abençoa crianças que lhe são trazidas e usa isso como uma ocasião para ensinar que devemos

entrar no reino como uma criancinha. Aqui, precisamos atentar a qual parte da infância entendemos que Jesus está se referindo; certamente, Ele não está chamando os crentes a serem infantis, mas sim para serem como crianças em reconhecer sua dependência de alguém que não deles mesmos — nesse caso, Deus em Cristo.

C. Mordomia cristã

O terceiro encontro narrado por Marcos 10 e paralelos é o do jovem rico — um relato muito mais detalhado, no qual Jesus surpreende seus discípulos ordenando a esse jovem e rico inquiridor a vender todos os seus bens, dar aos pobres e vir segui-lo. Precisamos reconhecer que esse não é um mandamento que Jesus dá a todo candidato a discípulo.

De fato, Lucas parece tornar esse ponto particularmente claro justapondo imediatamente as histórias da conversão de Zaqueu — em Lucas 19, após Seu paralelo com o jovem rico em Lucas 18...

... e, depois, a parábola das minas, também em Lucas 19, a partir do versículo 11.

Em conjunto, essas três histórias ilustram três modelos muito diferentes de mordomia cristã. Em um caso, o mandamento é vender tudo; no segundo caso, temos Zaqueu, que, voluntariamente, abriu mão de apenas metade e prometeu restaurar quatro vezes o que subtraiu de qualquer pessoa; e, em seguida, a parábola das minas, que elogia os servos que investem o dinheiro do seu senhor. Eles não doaram nenhuma parte desse dinheiro; na verdade, ganharam ainda mais. Mas, para que, de repente, não nos contentemos com um capitalismo desenfreado, somos lembrados de que, em última instância, todo o dinheiro retorna ao senhor. Qualquer que seja o modelo que seguirmos, o que quer que seja que Deus nos chame a fazer em nossa situação específica, o importante é que 100 por cento disso pertence a Ele. E qualquer que seja o percentual que possamos doar especificamente para as necessidades dos pobres, para as pessoas muito carentes — particularmente irmãos e irmãs em Cristo no mundo todo — qualquer percentual que possamos dar, precisamos considerar tudo que temos como empréstimo de Deus, e ser bons mordomos disso. E Lucas certamente deixa claro em outro lugar, como já vimos em unidades anteriores, que devemos ser generosos — nós, que temos riqueza excedente.

D. Terceira predição da paixão

No fim de Marcos 10, Jesus se volta ao ensino acerca de seu sofrimento e morte vindouros, a terceira e última previsão da paixão de Marcos 8, 9 e 10. Nesse contexto, Ele repreende Seus seguidores, que estão disputando para ver quem será o maior no reino vindouro, enfatizando que quem quiser ser o maior precisa ser servo de todos. E nesse contexto aparece o famoso versículo 45 do capítulo 10 de Marcos, ao qual aludimos anteriormente, que destaca uma das perspectivas fundamentais de Marcos acerca de Jesus: Jesus, o servo sofredor — Aquele que veio não para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos.

III. A iminência da última semana

A. A caminho de Jerusalém

Neste ponto, chegamos à iminência da última semana da vida de Jesus. A cura do cego Bartimeu, no fim de Marcos 10, ocorreu no contexto de Jesus estar nas proximidades de Jericó, próximo ao rio Jordão, a apenas um dia de subida até a estrada que leva a Jerusalém, a capital. No capítulo 12, o evangelho de João narra uma história que precede imediatamente a entrada de Jesus em Jerusalém e, portanto, na cronologia, é obrigatoriamente o evento datado a seguir. John diz que ele ocorreu seis dias antes da Páscoa, o que significaria que estamos falando do sábado antes da morte de Jesus, do dia a que chamamos Sexta-feira Santa.

B. Jesus em Betânia

Essa foi a história de Jesus em Betânia — que hoje poderíamos chamar de um subúrbio de Jerusalém —, uma pequena aldeia nas encostas distantes do Monte das Oliveiras, na casa de Maria, Marta e Lázaro, a quem Ele recentemente ressuscitara dos mortos. Aqui, Maria unge Jesus com um caro frasco de perfume, que custava quase um ano de salários, unguendo-o como se fosse para Sua iminente morte e sepultamento. João faz o contraste entre a resposta de Maria e a resposta de Judas de maneira bastante contundente.

Alguns especularam que, talvez, esses foram os dois primeiros a realmente compreender e acreditar que Jesus estava levando adiante esse plano vergonhoso de permitir ser preso e crucificado. Mas cada um reagiu de maneira diametralmente oposta: Maria, por fé; e Judas, por cinismo e ceticismo, talvez aborrecido porque

Jesus não seria o governante militar a derrubar os romanos, colocando, por assim dizer, o último prego no caixão de Judas — seu plano para traí-lo. De qualquer modo, nesta passagem Judas protesta que esse dinheiro que Maria basicamente esbanjou, poderia ter sido dado aos pobres: outro lembrete de que Jesus não era um asceta uniforme — há momento para o gasto pródigo e superabundância de adoração a Cristo.

Mas ocorre que a resposta de Jesus: “Os pobres, sempre os tendes convosco” é, frequentemente, mal interpretada por crentes modernos benfazejos. Ela é, na verdade, um trecho de uma citação de Deuteronômio, que continua dizendo que você pode ajudá-los sempre que quiser, como o paralelo de Marcos destaca. Portanto, Deuteronômio continua: “Eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra”.

A manifestação de amor excepcionalmente generosa de Maria é para uma situação excepcional; a norma para a vida cristã deve ser a compaixão para com os pobres. Marcos e Mateus colocam essa história em um contexto diferente em Marcos 14 e Mateus 26, como se ela tivesse ocorrido na noite da prisão de Jesus, mas o leitor atento notará a inexistência de conectores cronológicos específicos para exigir que localizemos esse evento ali. Presumivelmente, Marcos e Mateus o colocaram mais adiante tematicamente, uma vez que agruparam o conteúdo tematicamente em muitos outros lugares dos seus evangelhos, precisamente devido à importância da unção de Maria para a preparação do corpo de Jesus para o Seu sepultamento.

IV. Domingo de ramos

Podemos, então, retomar a sequência dos evangelhos sinóticos começando com Marcos (11 e paralelos) ao nos voltarmos, quase dia por dia, aos eventos que acabaram causando a morte de Jesus. No domingo, aquele domingo a que chamamos hoje domingo de ramos, Jesus está viajando pela estrada de Jericó a Jerusalém e é comemorado com ramos de palmeira espalhados e gritos de “Hosana!”, que significa “Deus nos salve!” de maneiras que sugerem que Ele tem um grande número de seguidores.

Mas, embora ele estivesse realizando um ato messiânico, montado num jumento e sobre um jumentinho, filho de jumenta, em cumprimento de Zacarias 9:9, a importância do animal se perde na multidão. Não se trata de um general romano entrando triunfalmente em Jerusalém montado num cavalo branco; esse

é um indivíduo muito desprovido de poder, chegando em um simples animal de carga. O Messias deveria chegar a Jerusalém com humildade, mas esse fato foi amplamente perdido na multidão. Não é de se admirar, então, a decepção e a dramática mudança de comportamento deles apenas cinco dias depois, quando, presumivelmente, pelo menos alguns dos mesmos indivíduos nas ruas de Jerusalém gritavam: “Crucifica-o! Crucifica-o!”

V. Segunda-feira

A. Más notícias para um figueira sem figos

Na segunda-feira, após alojar-se em Betânia novamente na casa de Maria e Marta, Jesus reentra em Jerusalém. No caminho, Ele amaldiçoa uma figueira que não dá fruto próximo à estrada. Esse é o único milagre de destruição nos evangelhos após a história dos demônios lançados nos porcos em Marcos 5; mais uma vez, não se trata de destruição de vida humana, mas apenas, no caso, de uma planta. Mas, ao que parece, há mais simbolismo aqui do que simplesmente uma petulância de Jesus com uma árvore que deveria estar dando frutos e não conseguiu aliviar a Sua fome.

No Antigo Testamento, as figueiras frequentemente simbolizavam Israel ou as bênçãos de Israel na era messiânica, quando todo israelita se sentaria e desfrutaria da abundância da terra sob a sua própria figueira. Quando Jesus amaldiçoou a figueira e os discípulos se maravilharam com isso, sua resposta foi: “Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele”. Provavelmente, esse monte se refere ao Monte Sião, o monte em que o templo estava assentado — o monte para o qual os discípulos estariam olhando enquanto atravessavam as encostas do Monte das Oliveiras, descendo para o vale de Cedrom, imediatamente a leste da cidade de Jerusalém.

Em vez de ser uma carta branca para que possamos fazer qualquer coisa, por mais sobrenatural que seja, desde que tenhamos fé suficiente, esse foi, provavelmente, um ensinamento muito específico que se encaixava no simbolismo da destruição da figueira e na pequena parábola de Lucas 13:6-9, que fala de uma figueira, que representa o povo de Israel, prestes a ser destruído se não se arrepender — tudo se combinando como ameaça à futura destruição de Jerusalém, do templo e de todo o sistema sacrificial que o templo representava.

Em suma, o ensinamento de Jesus aqui é uma ação profética simbólica dos novos tempos vindouros que Ele estava inaugurando. Esse mesmo simbolismo aparece e, portanto, nossa interpretação dessa passagem parece ser confirmada, na outra coisa que Jesus faz nessa segunda-feira da Semana da Paixão: o que habitualmente tem sido denominado a “purificação do templo”.

B. Acesso de ira no templo

Novamente, temos aqui um termo impróprio. Assim como a entrada triunfal seria, talvez, melhor chamada de não triunfal, a purificação do templo está mais para um acerto de contas no templo. Não é que Jesus acreditasse que àquelas alturas Ele realmente poderia reformar as práticas do templo. O evento estava mais para um gesto profético, simbolizando que os dias de todo o sistema do templo estavam contados. Um estudioso inteligentemente o chamou de “o acesso e ira de Jesus no templo”; e, embora jocoso, talvez seja um nome melhor do que a purificação do templo. Logo não haveria mais templo, nem necessidade de um templo, pois aqueles que adoram a Deus se chegam a Ele por intermédio de Jesus, o sacrifício definitivo pelo pecado, em qualquer parte do mundo em que possam viver.

VI. Terça-feira

A. Ensinamentos acerca de controvérsias

Então, na terça-feira, Jesus retomou uma série de ensinamentos acerca de controvérsias com vários grupos de pessoas que circulavam no recinto do templo. Aqui mostra-se o sentido de termos analisado, no início, um pouco acerca dos vários grupos de líderes judeus, porque todas as perguntas que eles fazem e as subsequentes respostas de Jesus fazem sentido.

Os chefes dos sacerdotes perguntaram com que autoridade Jesus havia tumultuado as coisas em Seu acesso de ira no templo. Eles é que estavam no comando e, portanto, a questão da autoridade era natural. Jesus não respondeu diretamente, mas contou uma pequena história que, em essência, destacava que a Sua autoridade vinha do mesmo lugar que a de João Batista. E, devido a João ter sido popular entre as multidões, as autoridades não admitiriam que ele não veio de Deus, mas também não diriam isso diretamente; assim, portanto, chegou-se ao impasse.

Então, os fariseus e os herodianos, que normalmente não eram

companheiros, exceto, talvez, contra um inimigo comum, passaram a inquirir Jesus acerca de impostos. Os herodianos (partidários de Herodes e do status quo) teriam apoiado o pagamento de impostos, enquanto os fariseus, não. Como Jesus poderia responder, sem alienar nenhum dos dois grupos? Bem, Ele o fez com sua famosa resposta que, em certo sentido, reconhecia a legitimidade dos dois domínios: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, mas, ao fazê-lo, reconhecia Deus como a autoridade superior. César não era absoluto, como ele poderia ter reivindicado.

Os saduceus vieram em seguida e perguntaram sobre o ensinamento de Jesus acerca da ressurreição, zombando de sua crença em uma vida após a morte. Mas Ele encontrou uma maneira de citar da Torá, os cinco livros de Moisés, uma passagem para provar a existência da ressurreição. Um advogado (como era de se esperar) chegou e perguntou acerca do maior mandamento. Jesus respondeu de um modo com o qual vários líderes judeus teriam concordado: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

Então, depois de todos esses questionadores ou pretensos truques terem sido frustrados, Jesus virou a mesa e lhes perguntou acerca de uma passagem do Salmo 110:1, em que Davi diz: “Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”. Em essência, a pergunta que Ele fez foi: “Quem é este outro Senhor, que é maior do que Davi?” A única resposta que restava às multidões era: o Messias.

A partir dessa parte, Jesus passou a fazer duras críticas, que foram narradas em grande detalhe em Mateus 23, à hipocrisia dos escribas e dos fariseus, e encerrou Seu tempo de ensino no templo elogiando a doação sacrificial e generosa, ainda que de valor líquido muito pequeno, de uma viúva que colocou duas pequenas moedas de cobre no gazofilácio do templo. Jesus deixou o templo, talvez, de certa maneira, em uma reminiscência da descrição que Ezequiel fez da glória de Deus se afastando do templo devido à maldade do povo nos tempos do exílio, no Antigo Testamento.

B. Sermão profético

Em seguida, Ele levou Seus discípulos ao Monte das Oliveiras e lhes fez o que foi chamado Sermão Profético ou Discurso Escatológico,

um sermão que ocupa Marcos 13, Lucas 21 e, em maior pormenor, Mateus 24 e 25. Tendo acabado de estar no templo e o deixado, os discípulos comentaram sobre a beleza e a grandeza daquela que, no mundo antigo, foi considerada uma das grandes maravilhas, nos aspectos arquitetônico e estético. A resposta de Jesus, sem dúvida, os atordoou quando Ele disse: “Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra”. E isso desencadearia nos discípulos uma pergunta de duas partes: Quando o templo será destruído, e quando virá o fim da era?

Sem dúvida, na mente dos discípulos esses dois eventos eram um só. Eles provavelmente não conseguiam imaginar os planos de Deus para o Seu povo Israel continuarem sem um templo. Certamente sua destruição traria o fim da era. Mas, quando Jesus respondeu à pergunta, Ele parecia separar Sua resposta em duas partes. Eis aqui uma passagem que tanto leigos quanto estudiosos interpretaram de maneiras muito diferentes; não temos tempo aqui para ensaiar todas as diferentes abordagens à interpretação dessa mensagem. Permita-me simplesmente mostrar uma abordagem que reflete um consenso amplo ou um corte transversal do conhecimento bíblico evangélico, embora talvez nem sempre tão bem conhecido, em certas partes, quanto diversas outras interpretações.

Jesus começou, no início de Marcos 13:5-23, respondendo à primeira pergunta: Quando o templo será destruído? A primeira parte de sua resposta foi referir-se a certos sinais que precisavam ser cumpridos, mas que, em si mesmos, não demonstravam que o fim ou a destruição do templo aconteceria imediatamente. Eles incluíam o surgimento de falsos messias, guerras e rumores de guerras, terremotos e fomes, perseguições e a pregação do evangelho a todas as nações. Não há dúvida quanto à maioria desses eventos ter sido cumprida, talvez repetidas vezes, já na primeira geração do cristianismo.

O evangelho ser pregado a todas as nações parece, à primeira vista, estar em uma categoria bem diferente. Falamos hoje na Grande Comissão como algo ainda a ter de ser cumprido. Contudo, Paulo poderia dizer, pelo menos em algum sentido provisório, em Romanos 10:18, que a palavra do Senhor foi levada à terra inteira — talvez com isso significando seções representativas de todas as principais partes do Império Romano. E precisamos nos lembrar de que o termo “ao mundo todo” usado em vários lugares do Novo Testamento também poderia ser interpretado, e o foi em muitos outros textos, como simplesmente referindo-se ao mundo

conhecido, isto é, ao Império Romano.

Nos versículos 14-23, Jesus avança para eventos que giravam imediatamente em torno da destruição do templo, embora a partir de outros textos do Novo Testamento, especialmente o livro de Apocalipse, possamos perceber que eventos semelhantes poderão se repetir até mesmo em maior escala no fim de história da humanidade. Aqui é importante comparar os relatos de Mateus e Marcos com o de Lucas. Aqui é onde Mateus e Marcos falam muito enigmaticamente de “o abominável da desolação”, enquanto Lucas fala de Jerusalém cercada de exércitos — precisamente o que aconteceu no ano 70 d.C., com a destruição de Jerusalém e do templo. Em seguida começa um período em que os gentios invadiram a cidade até aquele tempo se cumprir.

Todos os escritores dos evangelhos mencionam esse como sendo um tempo de grande tribulação. E, embora estejamos acostumados a pensar na tribulação do livro de Apocalipse como o período imediatamente anterior ao fim da história humana, pareceria que, nesse contexto, Jesus estava falando de toda a era da igreja — todo o período entre, pelo menos, a destruição de Jerusalém e a Sua segunda vinda — como um tempo de grande tribulação, em vários sentidos, para o Seu povo. Isso explica a maneira como Mateus pode, então, dizer nos versículos 24 e seguintes de Mateus 24, que imediatamente após esses eventos da Tribulação ocorrerá o retorno do Cristo ressuscitado.

Não podemos prever o tempo ou a data desses acontecimentos. Marcos 13:32 deixa isso muito claro. Nem mesmo Jesus, nas limitações de Sua forma humana encarnada, sabia o dia ou a hora do Seu retorno. Mas o sermão continuava por todo um capítulo em Mateus, e muito mais resumidamente em Marcos, com uma coleção de parábolas que ensinavam o argumento principal desse sermão de Jesus: estar atento, estar alerta, dedicar-se a Cristo independentemente de quanto tempo demore o Seu retorno, muito ou pouco. Então, esse sermão culminava e termina com a discussão acerca da parábola das ovelhas e das cabras — lembrando de que os povos de todas as nações, todas as pessoas, serão chamados a prestar contas um dia, em um dia de julgamento diante de Deus.

Aprendizagem cristocêntrica— a qualquer momento, em qualquer lugar